

Apresentação

Com estes sete textos que compõem este livro, “Interfaces entre ciência, tecnologia, educação e inovação social”, traz-se temáticas diversas, instigantes, urgentes, necessárias e contemporâneas. Temáticas essas que ultrapassam fronteiras disciplinares, colocando assim, os leitores em contato com conhecimentos de uma variedade de campos de conhecimento.

O primeiro capítulo, “Das modelagens do ser: processos educacionais na educação básica, técnica e tecnológica e as competências socioemocionais na pandemia”, escrito por Valesca Rodrigues de Souza, revela o pano de fundo da crise sanitária causada pela COVID-19 e os seus impactos para aqueles diretamente envolvidos com a educação no Brasil. Associa a situação pandêmica ao agravamento da saúde mental de adolescentes e apresenta o contexto em que surge o projeto de extensão “Escrevivendoarte” para apoio e auxílio socioemocional, criando possibilidades de compartilhamento e desenvolvimento das emoções e sentimentos, por meio da arte. Essa iniciativa se deu por professoras das áreas de Literatura e Artes do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Montes Claros. Uma experiência exitosa que se valeu da arte e da tecnologia da rede social para criar oportunidades para o desenvolvimento de competências socioemocionais dos estudantes e, ao mesmo tempo, propiciar a expansão do espírito crítico e a autonomia do pensar. Esse movimento, do agir no “chão da escola”, como denominou a autora, instiga a pensar em rupturas dos modelos educacionais impostos e a importância da luta por uma educação libertadora.

No segundo capítulo, “Reflexões acerca das interações entre estudantes indígenas no ensino remoto emergencial e as inferências sócio-históricas, Nádile Juliane Costa de Castro, Raimundo Abreu dos Santos e Jainara de Souza Araújo, apresentam uma temática extremamente relevante no presente contexto, tanto por envolver a realidade educacional de indígenas, quanto pelas questões relacionadas às dificuldades de acesso à educação e tecnologia consternando-as com as condições agravadas pela pandemia. O artigo relata a experiência de um projeto de extensão universitária da Universidade Federal do Pará (apoiado pelo edital PROEX), que traz grande aporte para esta obra sob a luz da Lei de Cotas. Em suma, apresentam uma nova e contundente literatura entrelaçando-a com variantes impostas pela pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021. Contextualizam a mediação de recursos digitais, treinamentos e *webinars* no percurso do ensino e aprendizagem durante a pandemia, discorrendo sobre as dificuldades sociais e tecnológicas, principalmente, do ponto de vista dos estudantes indígenas, especialmente dos universitários.

No capítulo 3, “Ensino remoto x ensino remoto emergencial: uma revisão da literatura”, os autores Denise Andrade, Noé Cardoso da Silva, Wander Pereira de Souza nos trazem uma revisão bibliográfica e descritiva sobre os dois fenômenos enumerados no título do capítulo: “ensino remoto (ER)” e “ensino remoto emergencial (ERE).” No bojo da pandemia, que forçou o infame distanciamento social, todas as instituições de ensino superior brasileiras foram obrigadas a adotar o ERE, mas em muitas dessas instituições, já existiam práticas de ER, estas se distinguindo daquelas do ERE principalmente pela possibilidade de ter um *mix* de atividades didáticas presenciais, com a adoção de metodologias ativas, sem mencionar o fato que professores que antes usavam o ER o fez porque já tinham adquirido a prática, competência e experiência nessa modalidade de ensino. Metodologicamente, o texto se baseia em uma revisão sistemática, utilizando-se o software StArt para analisar o ensino superior brasileiro, neste momento em que surgem repercussões positivas e negativas.

O capítulo 4, “Fluxos de informação na produção do conhecimento: proposta de serviços para bibliotecas universitárias” tem a autoria de Adriana de Moura Gasparino, Geni Chaves Fernandes, Maria Aparecida de Andrade Teixeira, Bernardo José de Oliveira Palma e José Antonio Rodrigues Viana. O embasamento do texto traz Bruno Latour (antropólogo, sociólogo e filósofo francês). Neste artigo, os autores apresentam suas contribuições dialogando com outros autores brasileiros da atualidade, reforçando a necessidade de gestão dos fluxos de informação e de uma melhor comunicação, tomando como objeto de análise os vários atores que se conectam na universidade. Desta perspectiva, envolvem os usuários das bibliotecas (pesquisadores, alunos, pós-graduados, sociedade entre alguns dos interessados) e raciocinam que cabe aos cientistas a habilidade para se relacionarem com a sociedade civil, imprensa e população em geral. Enfatizam que o bibliotecário tem tido papel fundamental como transmissor do conhecimento. Lembrando também da mudança de paradigma da postura do bibliotecário, que ajustado aos novos fluxos de informação, passa a assumir o protagonismo da pesquisa em conjunto com o pesquisador. Assim sendo, são profissionais com relevante contribuição para a produção e a disseminação de conhecimento, e para que ocorra a transferência deste, demanda-se comunicação legível e eficaz dos resultados.

Já no capítulo 5, “Breve reflexões sobre políticas públicas: um estudo sobre a importância da política de informação para a disponibilização do conhecimento científico”, escrito por Ana Paula Matos Bazilio, Camila do Nascimento Cultri e Verônica de Souza Gomes aborda o campo das políticas públicas de acesso aberto à produção científica. O capítulo é um ensaio teórico que discute importantes pressupostos teóricos como: comunicação e divulgação científica, política pública, política pública de

informação, acesso aberto e repositório institucional. Percebe-se que a intervenção do Estado no campo das políticas públicas de acesso aberto à produção científica ocorre no âmbito das universidades e das instituições de pesquisa brasileiras, a exemplo cita-se o Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT) juntamente com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) que apoiam a implantação de repositórios institucionais com o intuito de comunicar e divulgar a produção científica aos pares e a sociedade em geral.

O capítulo 6, “Letramento digital em prol da Ciência, Tecnologia e Educação” de Camila do Nascimento Cultri, Ana Paula Matos Bazilio, Verônica de Souza Gomes, incita o leitor a refletir sobre a necessidade de se promover mais ações visando o letramento digital e apresenta um estudo quantitativo das publicações (estudo bibliométrico da área) com o objetivo de desenvolvimento de indicadores confiáveis e atualizados no que tange à análise da produção científica sobre esta temática. O uso das TICs na educação vem se ampliando rapidamente e com isto, podemos perceber uma mudança de interação com a leitura e a escrita no ambiente digital. Almeja-se que tal disseminação se faça presente nas escolas e ambientes escolares (principalmente, escolas públicas) de países em desenvolvimento. Justamente, para contribuir na alfabetização e no letramento, principalmente no letramento digital via utilização de recursos como computadores, equipamentos eletrônicos, aplicativos, arduinos, dentre outros.

O último capítulo, igualmente importante, intitulado “Utilização de conceitos da interação humano-computador na disseminação de bens patrimoniais rurais: o caso InfoMinerva, escrito por Milene Rosa de Almeida Moura, apresenta uma discussão sobre de um conjunto de recursos tecnológicos integrados. A autora nos lembra que é “pelo conhecimento do passado que se pode refletir sobre a atual conjuntura, seja ela política, social, educacional, dentre outras possibilidades. Valorizar o patrimônio é reconhecer sua importância frente à cultura na contemporaneidade, volátil e permeada por inúmeras rupturas”. Diante disso, temos as tecnologias de informação e comunicação (TIC) presentes no nosso dia a dia, e ao longo da nossa história. Entrelaçada nas relações sociais e profissionais, tornaram-se indispensáveis à maioria das atividades humanas e neste contexto, por que não utilizá-las para valorizar o passado, organizar os dados e auxiliar na compreensão dos fatos? Por que não contribuir com o patrimônio histórico rural? Foi nesta perspectiva que a autora desenvolveu uma ferramenta de elevado teor para valorização do patrimônio, principalmente, do histórico material e imaterial rural. Tecendo a narrativa sob as transformações tecnológicas, o texto perpassa desde a criação de ferramentas para gestão dos bens, conservação, restauração e divulgação, e finda com a concepção que

às gerações presentes e futuras deve “conhecer e refletir sobre o passado, de modo que se crie uma postura crítica e reflexiva frente ao conhecimento adquirido”.

As contribuições são mais contundentes para o campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade num momento histórico em que requer predisposição da academia e dos acadêmicos em contribuir com reflexões robustas que mostrem novos caminhos para os novos e antigos problemas.

Boa leitura!

Ariadne Chloe Mary Furnival
Camila do Nascimento Cultri
Luzia Sigoli Fernandes Costa

São Carlos, meados do ano de 2022.